

**POR QUE ESCOLHI PEDAGOGIA? - UMA ANÁLISE DE
MOTIVAÇÕES PARA A JORNADA EM SALA DE AULA**

KAMILLA GIBRAM CORDEIRO DE OLIVEIRA

POR QUE ESCOLHI PEDAGOGIA? - UMA ANÁLISE DE MOTIVAÇÕES PARA A JORNADA EM SALA DE AULA

KAMILLA GIBRAM CORDEIRO DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, do
Instituto Federal de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Clara Melo Casotti Bastos

**POR QUE ESCOLHI PEDAGOGIA? - UMA ANÁLISE DE
MOTIVAÇÕES PARA A JORNADA EM SALA DE AULA**

KAMILLA GIBRAM CORDEIRO DE OLIVEIRA

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Clara Melo Casotti Bastos
Instituto Federal de Brasília

Prof. Paulo Alves de Araújo
Instituto Federal de Brasília

Prof^a Deise Ramos Rocha
Universidade de Brasília

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...
(Rubem Alves)

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela maravilhosa dádiva da vida, e pelo encerramento de mais um ciclo da vida acadêmica.

A minha mãe e pai, sem os quais eu não teria chegado até aqui com toda a certeza. Eles que proporcionaram assistência quando precisei e enxugaram minhas lágrimas quando chorei, por terem sido o alicerce que sempre precisei ao longo de todos esses anos.

Aos meus amigos e colegas de curso, impossível citá-los todos, mas aos que me apoiaram e ajudaram durante os últimos anos, fica aqui meu agradecimento e reconhecimento.

Agradeço, especialmente à minha orientadora Clara Bastos, cuja paciência e apoio me fez acreditar que não era impossível, obrigada por acreditar em mim desde o início.

Ao professor Paulo Alves, por ter sido a ponte com a escola onde ocorreu a pesquisa deste trabalho, o senhor também é uma inspiração.

Por fim, ao Instituto Federal de Brasília, campus São Sebastião e seu corpo docente, que me proporcionaram oportunidades incríveis ao longo da graduação, bons momentos, ensinamentos e meu crescimento profissional no âmbito do ensino, da pesquisa, da pesquisa e da extensão.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a motivação de escolha pelo curso superior de licenciatura em pedagogia, e até mais especificamente, pela jornada em sala de aula. Pois, existem questões problemáticas desde a criação oficial do curso no século XX, passando por imprecisões do profissional que pretende-se formar nesta graduação, para isso lança-se mão das ideias do autor José Carlos Libâneo, até chegar à precarização do trabalho docente que se vê na atualidade. Bem como, parte-se do entendimento cunhado por Fernando González Rey para esclarecer como o termo *motivação* é utilizado neste trabalho. Com o objetivo de ter-se uma maior clareza sobre o assunto, foi realizada uma pesquisa qualitativa na forma de uma entrevista semi-estruturada com dez professores da rede pública de ensino do Distrito Federal (SEDF), em uma escola da região administrativa de Ceilândia. As motivações apontadas foram tanto por escolha ou por vocação, para mudar de área profissional, bem como, a amplitude do mercado de trabalho e até por influência familiar. E mesmo aqueles que não tinham o curso como primeira opção ou pretendiam sair da área, gostam da prática profissional docente. Essa pesquisa apenas traz à luz os paradigmas que existem em relação ao magistério, com seus prazeres, preconceitos e equívocos.

Palavras-chave: Pedagogia. Professor. Motivação

ABSTRACT

The present essay aims to understand the motivation for choosing the education course in pedagogy, and even more specifically, the journey in the classroom. Then, there are problematic issues since the official creation of the course in the 20th century, that goes through inaccuracies of the professional who intends to graduate in this degree, for this purpose, the ideas of the author José Carlos Libâneo are used, until reaching the precariousness of the teaching work that it is seen today. As well, it starts from the understanding of Fernando González Rey to clarify how the term *motivation* is used in this work. With the aim of gaining greater understanding on the subject, ten teachers from a public school of the Federal District (SEDF) in the administrative region of Ceilândia, were questioned in a semi-structured interview, looking for qualitative results. The motivations mentioned were either by choice or by vocation, to change professional areas, as well as the breadth of the area and even family influence. And even those who did not have the course as their first option or intended to leave the area, enjoy the teaching practice. This research only brings to light the paradigms that exist related to teaching, with its pleasures, prejudices and mistakes.

Keywords: Pedagogy. Teacher. Motivation.

Sumário

Introdução	9
Um breve histórico do curso de pedagogia no Brasil	9
Pedagogos, o que fazem?	11
Motivações: aproximações conceituais	17
Aspectos Metodológicos	21
Lócus da pesquisa: algumas considerações	23
Análise dos resultados	26
Considerações finais	32
Referências bibliográfica	34
Anexos	37

Introdução

Um breve histórico do curso de pedagogia no Brasil

Para dar início a reflexão aqui proposta, é necessário fazer uma breve contextualização histórica do curso em questão, no Brasil, que claramente difere do percurso histórico visto em outros países pelo mundo, por fatores diversos.

Pode-se considerar que o curso de pedagogia no Brasil é bastante recente. Com menos de 100 anos, foi inicialmente idealizado pelo Decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939, como uma seção da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje a UFRJ, certificando o estudante como bacharel em pedagogia. Tinha o foco em preparar para carreiras de assistência educacional e administrativas não relacionadas à docência, já que essa era a função da escola normal, conforme citação do Portal online da câmara dos deputados¹:

“Art. 2º A Faculdade Nacional de Filosofia compreenderá quatro seções fundamentais, a saber:

- a) seção de filosofia;
- b) seção de ciências;
- c) seção de letras;
- d) seção de pedagogia.

[...]

DOS DIPLOMAS E CERTIFICADOS

Art. 48. Aos alunos que concluírem seriadamente os cursos ordinários, de que tratam os arts. 9 a 19 desta lei, serão conferidos, respectivamente, os seguintes diplomas de bacharel:

[...] 11) bacharel em pedagogia.”

¹ Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 de junho de 2023.

A escola normal é um pouco mais antiga, tendo início no século XIX, na cidade de Niterói. O Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, fundado no ano de 1835, foi a primeira escola desse tipo no país.

Porém, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, no tópico “A unidade de formação dos professores e a unidade de espírito” (pgs. 421-422), já em 1932 enxergava a importância da formação superior para se lecionar no, até então, ensino primário, enumerando os diversos benefícios e vantagens que tal formação traria ao educador.

“A formação universitária dos professores não é somente uma necessidade da função educativa, mas o único meio de, elevando-lhes em verticalidade a cultura e abrindo-lhes a vida sobre todos os horizontes, estabelecer, entre todos, para a realização da obra educacional, com uma compreensão recíproca, uma vida sentimental comum e um vigoroso espírito comum nas aspirações e nos ideais.” (Azevedo, F. et al., p.201, 1932)

Avançando um pouco mais no tempo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692 de 1971, regulamentou o campo de trabalho dos docentes, compartimentando e deixando claro, que para esse momento, o lugar do pedagogo não era em sala de aula. O art 33 explicita que uma graduação apenas seria necessária para as funções de “administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação”, claramente o docente não precisava ser “especialista em educação”.

Por isso, é evidente o que Fonseca (2013) reforça sobre esse momento da história, em que o profissional que se formava em Pedagogia tinha um trabalho mais voltado para o âmbito administrativo ou acadêmico, mas não docente, por essa razão, ainda hoje, tem-se dificuldade de entender o pedagogo como professor, também.

“Devido a esse longo período formando especialistas, ficou marcado o papel do Pedagogo como aquele que trabalha na escola ou em processos educativos, mas não na sala de aula. Por isso, ainda hoje, talvez não venha à cabeça, de imediato, que, como pedagogo, ele poderá ser também um professor.” (Fonseca, 2013)

Hoje, o professor da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental precisa ser graduado no ensino superior, preferencialmente em pedagogia, ou em outra licenciatura, com uma complementação pedagógica. Na realidade, a dificuldade se encontra em um ponto diferente do citado acima, a própria graduação não consegue preparar com efetividade o discente nem para a sala de aula, nem para ser um "especialista em educação", embora, esse fosse o objetivo principal dessa graduação no século XX. Existe, ainda hoje, essa tensão entre o ser "docente" ou "pedagogo".

Pedagogos, o que fazem?

Para ter-se uma maior clareza da identidade do pedagogo, precisamos identificar a pedagogia como uma área do conhecimento. No primeiro capítulo do livro *Pedagogia e pedagogos, para quê?* (p. 25-42, 2010), José Carlos Libâneo delimita conceitos interessantes que podem ser considerados para a discussão da temática em questão.

O autor discorre sobre a recente tentativa de transformar o curso de pedagogia em uma escola normal, sem querer desmerecê-la, mas que isso seria um retrocesso como mostrado no tópico anterior. Na apresentação do livro, o autor cita que várias aspectos influenciam para a perda da identidade do pedagogo, como por exemplo:

“[...]quando algumas faculdades de educação, imaginando está realizando uma façanha, decidiram transformar o curso de pedagogia - Isto é de estudos pedagógicos - numa licenciatura para formar professores para o curso normal e para as séries iniciais do Ensino Fundamental?” (Libâneo, 2010, p. 22)

Assim, demonstra que o curso, como uma licenciatura plena, deve exercer uma função para além de formar professores para os anos iniciais e para dar aula no curso normal, deve fornecer também toda uma base científica de estudos pedagógicos.

Ademais, aqueles que chegam a se graduar, precisam enfrentar todas as diversas dificuldades da profissão “baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional implicando baixo *status* social e profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo e etc” (Libâneo, 2010, p.25), indo unindo-se a todos os deméritos que enxerga-se em um indivíduo ser pedagogo, não só da sociedade no geral, mas também no meio acadêmico. “Esses fatores, por sua vez, rebatem na desqualificação acadêmica da área, fazendo com que docentes e pesquisadores de outras áreas desconheçam a especificidade da Pedagogia, embora a critiquem.” (Libâneo, 2010, p.25-p.26)

Neste texto, Libâneo (2010) apresenta primeiramente a idéia do antropólogo Carlos Brandão (1981) de que a educação se pratica nos mais diversos locais como: nas casas e famílias, igrejas e outros grupos sociais, e das mais diversas formas, podendo ser institucionalizadas ou não, as denominadas: educação informal e não-formal. Desassociando-a da prática formal do professor em sala, e da escola como detentora de uma educação única.

Isso acontece em razão da sociedade complexa em que nós estamos inseridos atualmente, o que também impacta em como a pedagogia é vista e compreendida nesse novo contexto. “Essa ampliação do conceito de educação, decorrente da complexificação da sociedade e da diversificação das atividades educativas, não poderia deixar de afetar a pedagogia, tomada como teoria e prática da educação” (Libâneo, 2010, p.26)

Por isso, hoje pode-se observar uma atuação múltipla do pedagogo em várias esferas da sociedade, como empresas, repartições públicas e administrativas, não estando restrito à docência.

Isso também tem um impacto para aquele que escolhe enveredar pelo caminho da docência, mesmo com a mesma graduação, os professores sentem mais o desmazelo de toda a sociedade com a sua profissão, enquanto os pedagogos de outras áreas estão, de certa forma, mais “seguros”.

Porém, o curso de pedagogia, por ser uma licenciatura plena, abarca tanto a licenciatura como o bacharelado, e tem como essência, inegavelmente a docência, ou seja, mesmo aqueles que não estão em sala, exercem trabalho docente em suas funções, sejam elas quais forem.

“Sabemos que a Pedagogia tem como objeto de estudo a educação em espaços escolares e não escolares. Dessa forma, um curso de graduação plena sendo licenciatura e bacharelado, com projeto pedagógico próprio, seria responsável pela formação de profissionais da educação professores/as e “especialistas” para a educação básica, sem fragmentar ou dissociar a formação e o trabalho ou mesmo agravar a divisão do trabalho na escola. Essa divisão do trabalho nas escolas se caracteriza, sobretudo, pela existência considerável da separação entre trabalho manual e trabalho técnico, entre o professor/a que realiza o processo pedagógico e o professor/a que pensa esse processo, os quais se distinguem dos profissionais docentes e não - docentes (orientadores, supervisores, coordenadores, entre outros); e se caracteriza, ainda, pela sua formação específica. Assim, a nossa defesa foi sempre pela base da docência que traria unicidade ao desempenho dos papéis, mas para além da base de identidade docência (que é discutida posteriormente neste artigo) defendemos uma formação única, na graduação plena de Pedagogia.” (Da Silva, P. 118, 2021)

As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, trazidas pela Resolução do CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006, reconhecem no Art 2 como objetivo primeiro do curso a formação de professores, e, ao final do artigo coloca a possibilidade de atuação em “outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”, sem de fato explicar quais áreas seriam essas.

“Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.” (2006, p.1)

A pesquisadora Selma Garrido Pimenta et. al, realizou uma pesquisa entre os anos de 2012 e 2013, nos cursos de pedagogia ofertados no estado de São Paulo. Nela analisaram se estes estão de acordo com as Diretrizes Nacionais Curriculares de 2006, explicitando as fragilidades que podem ser encontradas na formação inicial

do professor, que no artigo é chamado de “polivalente”, pois precisa ser versátil na execução das suas diversas incumbências apresentadas no art 2 do CNE/CP de 2006.

Nesse artigo apresentam a seguinte consideração:

“As matrizes curriculares dos cursos de pedagogia refletem os mesmos problemas identificados nas DCN, ou seja, a indefinição do campo pedagógico e a dispersão do objeto da pedagogia e da atuação profissional docente. Conseqüentemente, a maioria desses cursos não dão conta de formar nem o pedagogo, nem, tampouco, o professor para os anos iniciais da educação básica e para a educação infantil.” (2017, p. 28)

Ao tentar fazer ambos, as instituições de ensino têm falhado e não encontram êxito em formar tanto um profissional quanto o outro. Há uma dificuldade em localizar o campo de atuação do pedagogo de hoje, aquele que sai formado das instituições de ensino superior. O, até então, estudante, se graduou no curso, mas não está preparado para exercer nenhuma das profissões, conseqüentemente um profissional ruim.

No que diz respeito a polivalência do professor, existem outras tantas tensões as quais não aprofundaremos aqui, porém são vividas diariamente tanto por estudantes de pedagogia, quanto por profissionais já atuantes na área.

“Esses recursos parecem revelar que as professoras constroem a polivalência numa contradição contínua entre a possibilidade de sua afirmação pela via do reforço de sua profissionalização, inclusive reafirmando sua profissionalidade científica, e o modo restrito com que a traduzem em suas práticas cotidianas. Essa característica conota, de toda evidência, um elemento de tensão presente no modo como a polivalência é vivida pelos sujeitos da pesquisa.” (Cruz, 2016)

Algo que também pode-se notar hoje, é o estresse do professor causado pelas exigências elevadas da profissão, cobranças irreais que exigem quase “perfeição” das práticas profissionais do pedagogo. Bem como, as salas lotadas em sua responsabilidade, a falta de recursos e de suporte.

“A docência é, historicamente, uma profissão sobre a qual têm-se depositado muitas expectativas e demandas. Uma atividade que outrora era considerada uma ocupação nobre foi deixando de ser valorizada socialmente ao longo do tempo, ocasionando uma série de implicações

tanto para o educador quanto para o educando. Muito exigido, porém pouco apoiado, o professor no atual contexto brasileiro tornou-se um profissional carente de um olhar atento para as suas necessidades, tanto no campo de trabalho quanto em relação à própria saúde.” (Benevides-Pereira, 2012 apud Nascimento, 2020).

Assim, percebe-se com clareza o adoecimento mental gradativo dos professores da educação básica, muitos têm sofrido de *burnout*, depressão e ansiedade e tem necessitado de medicamentos controlados para continuar na profissão ante os cenários vividos diariamente.

“Dessa forma, percebe-se que a Educação Básica no Brasil reúne ainda uma série de impasses que colocam o professor diante de diversas dificuldades para exercer seu trabalho. Essas questões podem ter um forte impacto em sua saúde mental, podendo levá-los ao adoecimento.” (Nascimento, 2020)

Desse modo, essa questão do adoecimento elencada acima é uma das razões, entre as várias aqui já citadas, que afetam os indivíduos saídos do ensino básico, a não escolherem esse curso como graduação.

Porém, para espanto de muitos, diversas pessoas ainda o escolhem, e para compreender com um pouco melhor de clareza quem são esses estudantes que não só escolheram, mas estão para concluir o curso de pedagogia, pode-se utilizar o **Questionário do Estudante do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes** (Enade), exame esse cujo objetivo é o de colher subsídios que permitam traçar o perfil socioeconômico dos alunos e construir políticas de educação superior relacionadas aos processos formativos no âmbito da graduação. (INEP, 2014)

Hoje o curso de pedagogia é o que mais forma profissionais dentre as licenciaturas, 46,2% (UNESCO, 2019), com estudantes vindos, em sua maioria, do ensino médio tradicional e 84,8% de escolas públicas, com pais pouco ou nada escolarizados, a maioria não chegou a completar a educação básica.

Como é de se esperar, esse é um curso de maioria esmagadora feminina, com 93,7% de estudantes do sexo feminino, isso é compatível com a própria história

das mulheres na educação no século XX, fazendo com que, até hoje, a pedagogia seja considerada um curso “de mulher”.

A maior parte desses estudantes, respondentes do ENADE, relataram que sua motivação para escolher uma licenciatura foi acreditar que essa seja sua vocação, por ter professores que os inspiraram ou dada a importância da profissão de professor.

Razão principal para a escolha da licenciatura. Enade 2014.

Razão da Escolha	Pedagogia		Outras Licenciaturas		Total	
	N	%	N	%	N	%
(a) Acredito ser minha vocação	48.006	43,1	40.501	31,1	88.506	36,6
(b) Importância da profissão	27.400	24,6	24.384	18,7	51.784	21,4
(c) Tive professores que me inspiraram	7.351	6,6	18.502	14,2	25.853	10,7
(d) É uma boa carreira	4.344	3,9	4.568	3,5	8.912	3,7
(e) É uma opção alternativa de atividade profissional	4.901	4,4	11.513	8,8	16.413	6,8
(f) Não tive condições financeiras de frequentar outro curso	4.233	3,8	6.003	4,6	10.236	4,2
(g) Facilidade de acesso ao local do curso	1.448	1,3	2.080	1,6	3.528	1,5
(h) Não havia oferta de bacharelado na área	334	0,3	5.775	4,4	6.109	2,5
(i) Influência da família	3.453	3,1	2.418	1,9	5.871	2,4
(j) Outra razão	9.913	8,9	14.450	11,1	24.363	10,1
Total	111.382	100	130.194	100,0	241.576	100,0

Fonte: INEP. *Enade*, 2014 (Microdados).

Aqui no DF, Segundo o site da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal², a média salarial inicial para um profissional que trabalha 40 horas é de R\$ R\$ 5.016,53. No final da carreira, o profissional pode receber em média R\$ 10 mil. Atualmente a SEEDF conta com 23.485 professores efetivos, 11.250 temporários e 27.872 servidores aposentados.

Essa situação é um bastante atraente, tanto a estabilidade financeira que um serviço público pode oferecer inicialmente, quanto o plano de carreira, a longo prazo. Mas, será que estes fatores são suficientes para alguém se decidir, ou não pelo curso de Pedagogia, especificamente, como formação inicial?

² Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/servidores-3/>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

Motivações: aproximações conceituais

As questões subjetivas, como a motivação de um indivíduo para realizar algo, são um tanto complexas de serem analisadas, por isso utiliza-se aqui as ideias de Fernando González Rey - um dos principais teóricos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural, para demonstrar como considerar o termo *motivações* neste trabalho. Em entrevista com José Fernando Patiño Torres, o autor, citando também Bozhovich, 2009, diz que:

a personalidade como sistema de formações psicológicas complexas, e que nos fala de ideais morais, autoavaliação, afeto de inadequação, conceitos todos que nos levam a pensar em dinâmicas motivacionais realmente complexas que escapavam à representação dominante da motivação humana [...] (Torres, p. 18, 2020)

Assim, considera-se a motivação como um elemento que atravessa o ser humano em todos os âmbitos de sua vida, tanto em sua formação como indivíduo, quanto no desenvolvimento em sociedade. Para cada decisão aparentemente despretensiosa existe um motivo por trás, consciente ou não, é ele que orienta e guia os comportamentos das pessoas com o objetivo final de obter satisfação.

Essas motivações são, portanto, influenciadas pelo meio em que essa pessoa está inserida, elas são geradas a partir da relação de troca do indivíduo com o meio e conseqüentemente do meio com o indivíduo eles se auto influenciam. Se uma coisa depende da outra, não é possível pensar nas motivações sem pensar em todo o contexto social e de vida da pessoa em questão:

“[...]a motivação é um conceito que se forma a partir da ação do homem no mundo, constituindo-se uma interação decorrente da atividade do homem sobre o meio e deste sobre o homem. Dessa forma, as condições materiais de existência do homem são determinantes e determinadas por sua motivação. A classe social a qual o indivíduo pertence, suas oportunidades educacionais, sua vida profissional, sua realidade concreta são fundamentais para sua motivação.” (Cerqueira, et al. 2004)

É importante ressaltar nesse ponto que cada pessoa tem uma fonte de satisfação diferente, os indivíduos não se satisfazem nas mesmas coisas, e aqui está um ponto de complexidade, o que traz contentamento a uns, não representa o mesmo para outros.

Levando em conta a graduação, não seria diferente, pode-se considerar que as pessoas não escolhem seus cursos de forma aleatória ou apenas de acordo com as suas preferências individuais. Essa escolha está fortemente ligada ao ambiente social, histórico acadêmico e familiar, sexo e idade, processo esse que não é nada simplista. “Os indivíduos, via de regra, se antecipam aos processos seletivos formais e já escolhem cursos compatíveis com suas características sociais e escolares.” (Nogueira e Pereira, 2010, p.16)

Assim como, também não é completamente determinista, não necessariamente alguém de uma classe social mais alta escolherá um curso que trará maior rentabilidade financeira, embora, a tendência seja essa. Ainda segundo Nogueira e Pereira, existe muito para se compreender pois “as relações entre os ‘determinismos sociais’ e as ações individuais”(Nogueira e Pereira, 2010, p.17) são bastante complexas.

No que diz respeito ao curso de pedagogia, ou até às licenciaturas no geral, existe uma estereotipação que, infelizmente, ainda é muito forte, e é influenciada pela desvalorização da profissão docente, baixos salários e condições, por vezes precárias de trabalho, sobrecarga de obrigações, salas superlotadas ou até a indisciplina dos estudantes, levam a um aumento dessas opiniões negativas. Isso faz com que, pessoas que tenham interesse na área e até vivam em um ambiente favorável à educação, não a tenham como primeira opção.

A pesquisa de Brandão e Pardo (2010), sobre o interesse de exercer a docência entre os estudantes de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, mostra que esse desprezo não é algo que está acontecendo apenas aqui no Distrito Federal, mas em todo o Brasil e até pelo o mundo.

As autoras fizeram uma revisão bibliográfica que identificou essa mesma realidade em países europeus. Na Inglaterra, Kyriacou e Kunc (2007), conduziram uma pesquisa que:

“investigou a evolução das expectativas de professores de escola secundária em início de carreira, ao longo de três anos, a partir do ano em que realizaram o curso de capacitação para exercício da docência. Os resultados indicaram que a grande maioria dos participantes esperava permanecer na docência por mais de dez anos, porém foi percebida uma ligeira queda na proporção de respostas dos participantes no decorrer do ano letivo do curso preparatório, sendo que, no início do ano, 78% dos participantes esperavam permanecer ensinando por mais de dez anos ao passo que, no final do ano letivo, esse percentual caiu para 69%.” (Brandão e Pardo, 2010, p. 317)

Elas trouxeram também a pesquisa de Gomes et al. (2006), em Portugal, os pesquisadores investigaram entre aqueles que escolheram a docência se tivessem outra oportunidade de fazer uma graduação, $\frac{1}{4}$ não o fariam, assim como metade dos entrevistados mostram interesse em mudar de profissão em até cinco anos:

“[...] mais de 25% dos participantes não voltaria a optar pela docência se tivessem uma nova oportunidade de escolha de um curso superior, [sendo que] 19% manifestam um desejo elevado de abandonar a profissão nos próximos cinco anos e cerca de 10% estão altamente insatisfeitos com a sua profissão e actividade profissional” (GOMES et al., 2006, p. 77 apud Brandão e Pardo, 2010, p. 317).

Já em Sergipe, em sua própria pesquisa, Brandão e Pardo identificaram que apesar da importância do professor ser uma unanimidade entre os 120 estudantes de pedagogia entrevistados, nesse sentido, todos concordam com Paulo Freire (2000) quando ele diz que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”(p.31). Entretanto, parecem se sentir muito desencorajados, paradoxalmente, a perseguir essa carreira pois exige muito trabalho e tem pouco - ou quase nenhum - reconhecimento social. O que está explicitado nas frases com que concordam na Tabela 1.

Tabela 1 – Médias de concordância dos participantes com as afirmações sobre avaliações relacionadas à profissão de professor.

Item	Afirmações*	Média de concordância (de 0 a 4)	DP
A	<i>Vai ser fácil eu encontrar emprego como professor(a) logo após a formatura</i>	2,53	0,93
B	<i>Acho que terei pouca chance de obter uma remuneração satisfatória com professor(a)</i>	2,39	1,21
C	<i>Acredito que ficarei realizado(a) pessoalmente em ser professor(a)</i>	2,60	1,18
D	<i>É muito árduo ser professor(a)</i>	3,05	1,06
E	<i>Se meu(minha) filho(a) demonstrasse interesse em ser professor(a), eu incentivaria que seguisse essa profissão</i>	2,64	1,13
F	<i>O(a) professor(a) é impotente para produzir a mudança necessária na sociedade</i>	2,26	1,60
G	<i>Cada vez mais percebo que a docência é a minha vocação</i>	2,54	1,11
H	<i>A docência é uma atividade frustrante para quem a exerce</i>	1,42	0,98
I	<i>O(a) professor(a) tem um papel essencial para a promoção de mudança social no País</i>	3,52	0,79
J	<i>O ambiente de trabalho do(a) professor(a) é potencialmente estressante</i>	2,60	1,13

Nota: O número total de participantes (N) que responderam os itens da questão variou de 118 a 120.

*As afirmações correspondem ao conteúdo das avaliações relacionadas à profissão de professor.

Fonte: Elaboração das autoras

“Considerando os resultados expostos acima, observa-se que os estudantes reconheceram a existência de desvalorização social da profissão e de impotência do professor para realizar mudança necessária na sociedade, embora também reconhecessem que esse profissional tem um papel fundamental para a mudança social no país. Esse resultado um tanto paradoxal faz-nos supor que, na percepção dos participantes, existam fatores que limitam os efeitos das ações que o professor pode realizar para produzir transformação da realidade.” (Brandão e Pardo, 2010, p. 320-321)

Além disso, dentre esses estudantes entrevistados por elas, menos da metade tinha interesse em lecionar na educação básica, tendo a intenção de fazer outras graduações ou um curso técnico, mostrando não estarem satisfeitos com o curso escolhido por eles.

“No entanto, observou-se que um número considerável (N = 45 ou 37,5%) de participantes, que corresponde a mais de um terço da amostra, referiu que escolheria outro curso de formação, sendo que 30% (N = 36) mencionaram que escolheriam outro curso que não fosse licenciatura e 7,5% (N = 9) informaram que decidiriam realizar outro curso de licenciatura.” (Brandão e Pardo, 2010, p. 321)

E aqueles que pretendem exercer a docência, mais da metade tem a intenção de fazê-lo por no máximo 10 anos. “Esses resultados mostram que mais da metade dos participantes (56,7%) pretendia exercer a profissão em sala de aula por um período máximo de dez anos, evidenciando um baixo interesse por uma atuação mais duradoura nessa atividade.” (Brandão e Pardo, 2010, p. 323)

Mesmo esse tendo sido o curso com mais candidatos por vaga em 2011, o mais disputado dentre as ciências humanas, uma das razões pelas quais as autoras escolheram esse curso especificamente para pesquisar.

“Outra razão para realizar o estudo enfocando estudantes de licenciatura em pedagogia foi o fato de ter sido esse um dos cursos de licenciatura de maior concorrência nos dois últimos concursos vestibulares da Universidade Federal de Sergipe (UFS) anteriores à época de realização desta pesquisa. O curso de pedagogia licenciatura obteve, no concurso vestibular de 2011 da referida instituição de ensino, a proporção de 6,28 candidatos por vaga no turno vespertino e, no curso noturno, um índice de 16,68 candidatos por vaga, que juntos corresponderam à maior concorrência obtida na área de Ciências Humanas” (Sergipe, 2011 apud Brandão e Pardo, 2010, p. 319).

Esses são fatores um tanto interessantes, tristes e nada surpreendentes. Podemos ver também que reverberam por toda a nação, assim como mundo afora, me levantou um questionamento, se não tantos “contras” e não muitos “prós”, o que levou os professores que estão atualmente sala a escolher seguir carreira na docência?

Aspectos Metodológicos

Para trabalhar esse assunto com maior compreensão e clareza, foi proposta uma pesquisa científica com profissionais da área, e partindo do mesmo pressuposto que o professor Antônio Joaquim Severino (2013, p.102), “a ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos.”

Para isso, foi realizada uma pesquisa científica com abordagem qualitativa, através de entrevistas semi-estruturadas ou não-diretivas por meio da qual

colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente.” (Severino, p.108), com professores, formados em pedagogia, de determinada escola pública do Distrito Federal.

“Camargo (1984) concebe esse formato de entrevista menos como técnica de pesquisa do que como opção metodológica, pois implica uma teoria, e enfatiza as contribuições oferecidas nesse campo pela Antropologia e pela História. A seu ver, essas disciplinas, mais consensuais e homogêneas que as demais, oferecem uma experiência comum ao procedimento, bem como um legado teórico aceito, que devem ser tomados como referência na perspectiva de acumulação de saber científico nesse campo.” (Camargo, 1984, apud Duarte, p.147, 2002)

A partir dessas entrevistas, foi proposta tanto uma pesquisa exploratória quanto explicativa, partindo do pressuposto que ambas se complementam para uma boa análise qualitativa das mesmas. A pesquisa exploratória tem por objetivo “apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.”(Severino, p.107), e partir dela pode-se desenvolver uma pesquisa explicativa, que “é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.” (Severino, p.107)

Para pensar a análise que será realizada foi utilizado o Capítulo 2 - “Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e estar na profissão” do livro “Didática e Docência” das autoras Isabel Maria Sabino de Farias, et al (2008). Neles as autoras fazem paralelos interessantes entre como a história de vida, a formação e a própria prática pedagógica podem influenciar na identidade profissional do professor que está em sala de aula.

Lócus da pesquisa: algumas considerações

Tantas são as desvantagens elencadas anteriormente neste trabalho em relação à profissão do professor, ao seu meio de trabalho e a forma que o profissional é visto perante a sociedade.

Sabendo que essa organização não se constituiu nos últimos anos, mas sim é consequência de pelo menos um século de precarização, ainda assim, existem indivíduos que escolhem se formar Pedagogos. Por que?

Pensando nisso, surgiu a ideia de entrevistar professores pedagogos, já formados, que além de terem que lidar com tantos pontos negativos relacionados à sua área, ainda trabalham em uma escola localizada em uma região de vulnerabilidade e insegurança social.

Por essa razão, a pesquisa em questão foi realizada em uma escola da região administrativa de Ceilândia, que é a mais populosa do Distrito Federal com 350.347³ habitantes na zona urbana em 2021.

“A RA Ceilândia surgiu em decorrência de um grande projeto de relocação de população que morava em áreas não regulares por meio da Campanha de Erradicação de Invasões — CEI, que deu origem ao seu nome. Em 27 de março de 1971, iniciou-se a transferência de aproximadamente 82.000 moradores das ocupações não regulares da Vila do IAPI, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão Colombo e Morro do Querosene, para os setores “M” e “N” ao norte de Taguatinga.” (CODEPLAN, 2021)

Com 59,8% da população da RA declaradas como pretas ou pardas e no que diz respeito à escolaridade 36% dos habitantes da cidade não completaram a escolaridade básica, dentre eles 9,4% são declarados “sem escolaridade”, enquanto 35,3% terminou o ensino médio.

Em compensação, tem-se a região aparecendo com dimensões de pobreza crítica⁴ relacionados à qualidade do ensino médio, à dependência infantil, à

³ Fonte : Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Ceilandia.pdf>

⁴ Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN - ÍNDICE MULTIDIMENSIONAL DE POBREZA (IMP): AS DIMENSÕES DA POBREZA NO DISTRITO

vulnerabilidade financeira e ao acesso ao ensino fundamental. Sobre a situação econômica da população, considerando o salário mínimo de 2021, R\$ 1.100, 1/5 da população vivia com menos do que esse valor e mais da metade dos habitantes com pelo menos um salário mínimo.

O relatório da CODEPLAN (2021), também fala sobre a falta de alimentação adequada na região, especificamente no trecho a seguir:

“A EBIA mede diretamente a percepção e vivência de insegurança alimentar e fome no nível domiciliar, captando a dificuldade de acesso familiar aos alimentos e a experiência de vida com a insegurança alimentar e a fome vivenciada nos domicílios. [...] Os resultados apontam que 38,4% estavam nesta situação nos três meses anteriores à data da entrevista, seja esta leve, moderada ou grave.⁵”

Esses são dados que chamam muito a atenção, pois o centro dessa RA fica a menos de 40km da capital federal do país, Brasília. Por essa razão, foi escolhido esse local em questão para a seleção de uma escola, com foco na realização da pesquisa.

Esta ocorreu em uma escola de ensino fundamental da região do “P” Norte, na Ceilândia, com 10 professores pedagogos, efetivos ou temporários, do turno vespertino, em seu momento de coordenação pela manhã.

Para dar início a pesquisa, no dia 21/08 a estudante se apresentou na gestão da escola e foi recebida pela supervisora pedagógica, que informou ser a responsável pelos estagiários e que auxiliaria na realização das entrevistas. Foi informado a ela o objetivo da pesquisa, que as entrevistas seriam individuais, gravadas e confidenciais.

No dia seguinte, a estudante retornou a escola para a realização das entrevistas, num primeiro momento os professores estavam receosos e tímidos, mas

FEDERAL E SUAS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD_6_As_Dimens%C3%B5es_d_a_Pobreza_no_DF_e_suas_Pol%C3%ADticas_de_Enfrentamento.pdf

⁵ KEPPLER AW, SEGALL-CORRÊA AM. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(1):187-199, 2011.

logo em seguida se prontificaram, incentivados por um professor que procurou convencê-los dizendo que “todos passamos por isso”, o que foi de grande ajuda.

Cada professor recebeu uma folha A4 contendo as questões que lhes seriam solicitadas (ANEXO I), sendo elas as seguintes:

- Qual seu nome?
- Onde reside?
- Há quanto tempo atua em sala?
- Por que você escolheu o curso de pedagogia? Quais razões você acha que te levaram a tomar essa decisão?
- Por que você se tornou professor(a)?
- Em algum momento, você repensou essa decisão? Se sim, quais os motivos?
- Gostaria de acrescentar algo sobre o assunto?

Compreender a motivação dos professores para a escolha da pedagogia, da sala de aula e sua permanência nela, são importantes aspectos da identidade docente e fundamentais para sua consolidação como profissional da educação. É importante salientar que existe uma pessoa por trás do “professor”, ouvir sua história, decisões ao longo do tempo e motivações fazem diferença quando se analisa um grupo tão diverso, de uma profissão tão complexa.

“Essa compreensão destaca que a identidade docente é uma elaboração para a qual contribuem diversos fatores, dentre eles a história de vida do professor, a formação vivenciada em sua trajetória profissional e o significado que cada docente confere a atividade profissional no seu cotidiano, com base em seu saberes, angústias e anseios. Esses elementos são constituidores das maneiras como ele se faz e refaz, dialeticamente, como profissional.” (Farias et al., p.60, 2008)

Bem como, é importante compreender a visão do professor sobre si mesmo, como ele enxerga a sua própria profissão, porque dessa forma, pode-se apreender como ele enxerga a educação como um todo, concepções que influenciam diretamente em sua prática profissional.

Análise dos resultados

Quando questionados sobre o motivo pelo qual escolheram essa graduação, foi identificado que dos dez professores entrevistados na escola, cinco chegaram a pensar na realização de outros cursos antes da pedagogia, mas, dentre eles, dois realmente tentaram ingressar na época de escolha do curso superior, mas não conseguiram, as primeiras opções eram:

- Agronomia

A pedagogia foi minha segunda opção, como não passei na minha primeira opção eu fui pra pedagogia, mas (a entrevistadora pergunta: qual foi sua primeira opção) foi agronomia, só tinha uma vaga eu passei em segundo lugar, aí eu não consegui.

- Engenharia mecatrônica

Na verdade eu fui escolhido, porque a princípio eu tinha em mente fazer outro curso, só que eu fui... (entrevistadora pergunta: qual curso você ia fazer)... Gostava de engenharia mecatrônica, muito diferente, mistura robótica, eletrônica e mecânica, só que era bem difícil, era um curso inacessível para mim, porque só tinha na UNB na época e aí eu peguei e fiz, fui terminar o ensino médio e aí eu consegui uma pontuação boa para pegar pedagogia.

Duas professoras vieram do magistério e continuaram na área por identificar-se com a profissão, porque queriam de fato trabalhar na área e/ou declaram ter uma aptidão natural à docência, segundo elas mesmas.

Na verdade comecei fazendo o curso de magistério, sou da época do magistério ainda, e eu escolhi porque eu venho duma era, dos anos 70, que naquela época a gente não tinha escolhas ou você fazia um curso, é digamos técnico, ou você seguia o antigo acadêmico, que eu sou da época do acadêmico. E eu me envolvi com o gostar de dar aula porque eu nasci com o dom de dar aula, não foi porque “ah eu quero ser professora” não, eu amo ser professora[...] e pedagogia eu fiz para complementar.

Fiz o curso magistério, que era o técnico né na época, e aí logo que eu terminei já vim atuar em sala de aula, e desde então... até parei, fiquei um

pouco triste na área e voltei, comecei a fazer administração de empresas [...] retornei desde de então estou na sala de aula, desde sempre, então são 22 anos (a entrevistadora pergunta: você fez a pedagogia quando precisou fazer ou fez porque voce quis) eu fiz pedagogia, foi quando eu fui para a administração e ai eu não gostei, retornei, e ai eu precisava de um nível superior, porque até então eu tinha só o técnico [...] amo a pedagogia, amo a sala de aula, amo estar junto com os meninos...

Aqui, creio ser importante desmistificar esta ideia de vocação, muito comum no século XX, para a docência. Pois denota a existência de um dom natural para ensinar, e até apresenta uma ideia quase sacra da profissão docente, o que também é uma forma sutil de diminuir a atuação do professor como *profissional*, na sociedade. Na realidade, essa é uma profissão que demanda muito esforço e estudo, como tantas outras, e não pode ser encarada como “impossível” por aqueles que não possuem “dom” para tal. O que ocorre, em muitos casos, é uma identificação com a profissão, ou com professores inspiradores ao longo da vida.

“O professor exercia até os anos de 1960 uma função social transcendente, além de um modelo moral e político era também visto como um sacerdote a serviço do saber. A sua vida confundia-se com a missão. Portanto, ser professor era a manifestação de uma vocação ou missão transcendente, não o exercício de uma profissão.” (Rêses, p.8, 2009)

Dos outros cinco, um deles decidiu mudar de área para ocupar o tempo livre, já com 50 anos de idade voltou para a sala de aula, junto com sua esposa. Hoje ele tem 8 anos de sala de aula e está fazendo outra graduação, na área de tecnologia.

Na verdade eu fiz pedagogia porque eu queria sair de dentro de casa, de frente da televisão, trabalhava em outra profissão, e eu não pensava em nada, sai não por mim, mais pela minha esposa, pra ela sair de frente da televisão também, eu falei assim ó: “vamos fazer uma faculdade, seja o que for”, ela falou assim: “eu tinha vontade de fazer pra serviço social ou pedagogia”, o que tiver a gente faz. Eu não queria estudar na verdade, eu tinha minha profissão (a entrevistadora pergunta: o senhor fazia o que?) Eu era antenista...

Outra professora entrou na área por ter sido mãe cedo e estar envolvida com o meio escolar em razão do seu filho. O que externaliza as diversas dificuldades enfrentadas pelas mulheres na sociedade atual, na qual têm de desempenhar papéis diversos, e as mães, conseqüentemente, enfrentam uma maior dificuldade para entrar no mercado de trabalho. Um dos fatos, entre diversos outros que corrobora com a maioria feminino esmagadora na docência, principalmente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Pode-se perceber na pesquisa em questão, tem-se oito mulheres e apenas dois homens, sendo eles os únicos daquele período e haverem outras mulheres que escolheram não participar da pesquisa.

“Portanto, quando pensamos na feminilização do magistério nos primeiros anos da escolarização, ou seja, na ocupação desse território infantil, isso tem a ver com a luta por esse direito ao trabalho e por consequência, pelo direito de ser mãe e trabalhadora ao mesmo tempo” (BARDUNI FILHO, et al. pg. 241, 2022)

Essa professora diz:

Eu escolhi o curso de pedagogia por que, eu fui mãe muito cedo, e aí é, pelo meu filho eu comecei a me aproximar mais desse mundo das creches, das escolas, que eu podia levar ele, e aí eu fui gostando, fui me habituando a esse mundo e aí, é, eu comecei a fazer o curso de pedagogia, porque também era mais cômoda pra mim, com um filho pequeno, eu podia leva-lo também né, nos locais onde eu trabalhava, ele também, conforme foi crescendo ele estudava, e aí era ... foi mais cômodo, assim, por isso né [...] eu caí meio que de paraquedas mas conforme fui estando no ambiente eu comecei a gostar, comecei a me identificar.

Outra professora que está há 17 anos na área, escolheu essa profissão pelo mercado de trabalho ser amplo e ter muitas vagas.

Na época eu pensei, assim eu fiz a análise né, em que que eu poderia me formar pra ter um retorno mais rápido de um emprego, né, e aí eu cheguei a conclusão de que quando você é professor, você praticamente não fica sem emprego, você pode trabalhar tanto na rede pública quanto na particular e aí eu até queria fazer um outro curso, de psicologia, só que quando eu lembrei dessa demanda né, eu falei “não eu acho que eu vou conseguir

emprego mais rápido se eu fizer pedagogia”. E aí eu até deixei o curso pra depois, mas acabei não fazendo, mas eu me identifiquei muito com a pedagogia. [...]

Duas das professoras entrevistadas relatam que escolheram o curso por influência de sua família, o que representa como os familiares têm grande importância na escolha por um curso superior, seja ele qual for, como ressalta Farias et al. (2008), “Os estudos sobre a socialização profissional (Nunes, 2002) mostram que o ingresso na profissão é definido em função de múltiplos fatores, destacando-se, além da influência da família, a dos ex-professores.”

Na verdade eu queria fazer Biologia quando era mais nova, sempre foi o meu sonho, e aí eu conversei com meus pais, na época eu era muito novinha e a minha mãe falou né que o curso de pedagogia, minha mãe é professora, minha avó foi professora, as sete filhas da minha vó são professoras até hoje, e aí ela falou que era um curso muito bom pra achar emprego rápido, como na época a gente não tinha muitas condições ela achou que seria mais viável a Pedagogia do que a Biologia. [...] Eu fiz outra faculdade, sou formada em direito também [...]

[...] Quando eu era criança eu já tinha essa vontade de dar aula, de ser professora, e por influência também, os meus pais são professores, e a minha irmã também, família toda. Aí veio esse desejo de continuar, dar continuidade e realizar o meu desejo [...]

A última professora veio de outro estado do Brasil e está no Distrito Federal há apenas 7 anos, mas está na sala de aula há 20 anos. Ela diz ter escolhido por ser um curso “mais fácil” e por gostar de crianças.

[...] Na época, eu escolhi o curso porque eu achei que se identificava comigo e o mais fácil, eu não gostava muito de matemática, essas coisas, e aí eu disse: “não pedagogia vai dar certinho para mim”, porque eu gosto de criança, gosto de dar aula, então... Eu fiz o normal primeiro, antigamente a gente o pedagógico, e aí depois surgiu a oportunidade de fazer outro curso, pedagogia, e já tava na minha área [...]

Então, as motivações apontadas pelos professores podem ser definidas mais explicitamente, como: por escolha, mas como **segunda opção; vocação; mudança de área profissional; maternidade; amplitude do mercado de trabalho; influência familiar;** e pela **facilidade do curso.**

Em relação ao cenário atual, pode-se notar na fala de uma das professoras, que está há muitos anos em sala, o desejo por ser efetiva e ter uma maior estabilidade na carreira, com isso, nota-se também a constante luta do docente por melhores salários e, por conseguinte, uma melhor condição de vida. Atualmente, ela está como temporária na SEDF.

[...]To atuando na educação desde 2019, como regente de sala né, como estagiária eu trabalho de 2012 como auxiliar de sala. [...]Tamo ai na luta pra ser efetiva [...]

Dentre os dez entrevistados, nove disseram que ao entrar no curso de pedagogia, ser professor sempre foi a primeira opção. Somente um deles prefere a área administrativa ou gestão, apesar de relatar gostar do trabalho em sala de aula:

[...] não, eu sempre gostei de área administrativa, assim, criação de cursos, essas coisas, tanto é que já trabalhei no Senado, na parte de criação de cursos lá e eu gostei muito da experiência de trabalhar lá. Mas, estar dentro de sala de aula também é bem legal a interação com os alunos, essas coisas, mas eu gosto. [...]

Sobre o curso de pedagogia, as respostas indicam que ele não se prepara de fato para a sala de aula, retomando o que foi dito anteriormente no trabalho, ao tentar formar dois profissionais, a pedagogia acaba por não formar bem nem um, nem o outro.

[...] Do curso para a sala de aula tem uma diferença muito grande, muito grande mesmo, quando você faz o curso assim, até mesmo quando você faz o estágio, você observa algumas coisas, mas quando você é o professor mesmo da sala, tem uma diferença muito grande, é bem mais complexo, tem muito mais responsabilidades, essas coisas, o cuidado, a preocupação, o trabalho é dobrado.

[...] A gente não nasce né, também assim, professor, a gente vai aprendendo conforme a rotina, e também na faculdade eu não aprendi a ser professor, aprendi mais a teoria, a prática mesmo, e a vivência foi em sala de aula, quando eu entrei em sala de aula que eu vi mesmo que era professor. [...] E sala de aula que você vivencia e se torna professor. [...]

[...] Fiz na época o magistério, foram três anos de magistério, a gente tinha de manhã a teoria, e a tarde a gente praticava, nós éramos assim naquela época, que eu acho que, a diferença muito grande de pedagogia, porque querendo ou não você sai da pedagogia crua, você não sai como era o magistério antigamente, não é atoa que eu tenho um conhecimento bem mais abrangente, maior, devido a esse tipo de curso que foi feito, entendeu, não que eu esteja tirando o mérito do pedagogia, muito pelo contrario, mas você vê muito mais, é diferente, muito muito [...]

Importante citar que nenhum dos professores relata se arrepender de fato da escolha pelo curso de pedagogia, apenas se entristecem com a realidade do dia dia, a rotina e as demandas, até aqueles que pretendem sair da área dizem gostar de vários aspectos da profissão. Tem-se falas como:

[...] Não me arrependi, só acho muito puxado trabalhar com criança. [...] trabalhar em sala de aula é muito bom, porque você se apegar às crianças, você sente o que eles precisam, que os pais não fazem por eles. [...]

[...] Assim, às vezes a gente se arrepende, não pelo... pelas crianças em si, mas pela rotina que é muito massante, é muito difícil, mas também é gratificante né, vê que você modificou a vida de alguém, que você ajudou alguém a superar alguma dificuldade [...]

[...] Quando eu to em sala de aula a gente se arrepende quase todo dia (risos), sim, quando tem muitas dificuldades, os alunos, os pais, aí você pensa: “meu Deus, por que eu escolhi essa profissão”, é muito difícil, não é fácil. [...] É um trabalho muito prazeroso, quando você começa a ensinar, você vê que ta te dando retorno, você vê os alunos aprendendo, aquilo ali é muito prazeroso, assim, você acaba até esquecendo os problemas né, as dificuldades, esquece, é muito bom, eu gosto, mas assim não é fácil [...]

[...] Me arrependeu não, tem tem hora, assim, que dá um desânimo (a entrevistadora pergunta o porquê) porque não tá tudo na sua mão, você entendeu, você depende de outros fatores, de terceiros, de muitas outras coisas, se dependesse mais da gente, acho assim, se a gente tivesse mais tranquilidade pra fazer tudo que tem que fazer, acho que seria bem mais tranquilo, e recurso também né, que acho que o ponto principal que falta pra gente é recurso pra trabalhar.

Nota-se, dessa forma, que os arrependimentos, não são localizados especificamente em relação ao curso ou a natureza da profissão, mas na forma que ela está organizada na sociedade atual, com todas as suas exigências e precarização. Bem como, pode-se identificar o trato com os familiares como uma dificuldade da docência, que são universos tão distintos, com os quais o professor, que tem por vezes de trinta a quarenta alunos, precisa lidar, especificamente e individualmente.

Logo, pode-se concluir que o problema está diretamente ligado às demandas e exigências que um professor precisa suprir, não ter o suporte e recursos que necessita.

Considerações Finais

Dessa forma, conclui-se que mesmo o curso de Pedagogia sendo bastante recente no Brasil, ainda mais na forma que está organizado atualmente, pode-se dizer que não fica atrás em números de matrículas e formandos, comparados com outros cursos mais antigos como Direito e Medicina. Ainda mais como apontado, esse curso é o que mais forma dentre as licenciaturas.

Também pode ser causado pela pluralidade das áreas de atuação de um profissional dessa área, dada a complexificação do conceito de educação, como cita Libâneo (2010). O que reforça uma das motivações de escolha do curso apontada na pesquisa: a amplitude do mercado de trabalho. Pois, se for levada em consideração unicamente a docência, são pelo menos 184,1 mil escolas de Educação Básica pelo país, segundo o censo escolar.

Todo o contexto atual da educação pode ser analisado sob a ótica das motivações e desmotivações para a docência. As motivações apresentadas pelos

professores são um recorte muito interessante que refletem a realidade do curso no Brasil e a visão da sociedade frente à Pedagogia. Por exemplo, o fato daqueles que escolheram voluntariamente, por desejo, atuarem na área, serem apenas duas entrevistadas. Bem como pode-se notar a grande maioria feminina, e suas implicações na motivação para a escolha da pedagogia, como o fato de ser mãe ser apontado como tal.

No que diz respeito à facilidade do curso, se por fácil entende-se “sem matemática”, está correto, realmente não é um curso de exatas. Mas, deve haver o cuidado de não ser simplista nessa definição, o curso não se propõe a ser “fácil” ou não, apenas tem outro foco, que é a área das humanidades, e das ciências da educação, sendo assim, um curso complexo como todos o são.

Importante perceber na fala dos que não tinham intenção de fazer o curso, em primeiro plano, o gosto pela docência e pelo trato com as crianças. Essa pesquisa apenas confirma os paradigmas que existem em relação ao magistério, com seus prazeres, preconceitos e equívocos.

Ou seja, são conquistados pelo ato de ensinar, para além do curso como apenas uma junção de materiais, mas pela formação docente, por sua função na sociedade e pelo impacto na vida dos indivíduos que serão por eles ensinados. Tendo como foco não os salários e dificuldades, mas sim o desenvolvimento dos estudantes, seu aprendizado e cuidado. Trazendo à luz o que disse o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1967), educar é muito mais um ato de amor e de coragem, ante ao meio, do que de qualquer outra motivação.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, F. et al. Manifesto dos pioneiros da Educação Nova. (1932). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584.

BARDUNI FILHO, JAIRO; GONÇALVES, BRENA; FERREIRA, LUYAMARA. PEDAGOGIA É “COISA DE MULHER”? ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E MASCULINIDADES NA DOCÊNCIA COM CRIANÇAS. Dossiê: Pesquisa em Gênero e Sexualidade na Perspectiva Pós-Estruturalista. Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 26 | Jun., 2022, pp. 239-259

BRANDÃO, DENISE FREITAS; PARDO, MARIA BENEDITA LIMA. O interesse de estudantes de pedagogia pela docência. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 2, p. 313-329, abr./jun. 2016.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira et al. O autoconceito e a motivação na constituição da subjetividade: conceitos e relações. Intermeio, Campo Grande, v. 10, n. 20, p. 30-41, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CONSELHO PLENO. Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 11. Brasília, 16 de maio de 2006, .

Cruz, S. P. da S.. A construção da profissionalidade docente polivalente nos anos iniciais do ensino fundamental: questões para a formação. *Linhas Críticas*, 21(46), 688–707. <https://doi.org/10.26512/lc.v21i46.4699>. Brasília, 2016.

Da Silva, Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro. A PEDAGOGIA PLENA: UMA PROPOSTA UNITÁRIA DE FORMAÇÃO. Formação em Movimento.v.3,i.1, n.5, p.114-130, jan./jun. 2021.

DUARTE, ROSÁLIA. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO. Outros Temas - Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>, Acesso: 02 de julho de 2023.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. Didática e docência: aprendendo a profissão. Capítulo 2 - Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e estar na profissão. Brasília: Liber Livros, 2008.

FONSECA, Mônica Padilha. Porque desisti de ser professora: um estudo sobre a evasão docente. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

FREIRA, PAULO. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 134p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2023.

_____, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

INEP. Manual do Enade, 2005-2014. Brasília, DF: Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014.

TORRES, JOSÉ FERNANDO PATIÑO. (Org). Estudos da subjetividade: uma aproximação interdisciplinar . / Organizador: José Fernando Patiño Torres – Palmas, TO: EDUFT, 2020.

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. Pedagogia e pedagogos para quê?. (12. ed.). São Paulo: Cortez, 2010.

NASCIMENTO, KELEN BRAGA DO; SEIXAS, CARLOS EDUARDO. O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. Revista Educação Pública, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020.

Disponível em:
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/josepho-adoecimento-do-professor-da-educacao-basica-no-brasil-apontamentos-daultima-decada-de-pesquisas>

NOGUEIRA, CLÁUDIO MARQUES MARTINS; e PEREIRA, FLÁVIA GOULART. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. Educ. rev. 26 (3) • Dez 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TFSj6p5RdCwnRdvpTkWnk7D/?lang=pt>

PIMENTA, SELMA GARRIDO; FUSARI, JOSÉ CERCHI; PEDROSO, CRISTINA CINTO ARAÚJO; e PINTO, UMBERTO DE ANDRADE. Os cursos de licenciatura em pedagogia: fragilidades na formação inicial do professor polivalente. Artigos, Educ. Pesqui. Jan-Mar 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/xXzHWK8BkwCvTQSy9tc6MKb/abstract/?lang=pt>

PROFESSORES DO BRASIL: NOVOS CENÁRIOS DE FORMAÇÃO/ Bernardete Angelina Gatti, Elba Siqueira de Sá Barretto, Marli Eliza Dalmazo Afonso de André e Patrícia Cristina Albieri de Almeida. – Brasília: UNESCO, 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, SEEDF. Nossa rede. Servidores. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/servidores-3/>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM; Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico] / -- 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf Acesso em: 28 de junho de 2023.

ANEXOS

I.



A **pesquisa de campo** consiste em uma **pesquisa científica com abordagem qualitativa**, através de **entrevistas semi-estruturadas**, com **os docentes, gravadas individualmente**, para as quais Kamilla, **estudante de Pedagogia do Instituto Federal Brasília, campus São Sebastião**, irá **presencialmente até a escola em questão**. Tendo como **objetivo, pesquisar as motivações de escolha pelo curso de Licenciatura em Pedagogia pelos professores atuantes em sala**.

Professor(a), responda as questões a baixo:

- Qual **seu nome***?
- **Onde reside?**
- Há quanto **tempo atua em sala?**
- **Por que você escolheu o curso de pedagogia? Quais razões você acha que te levaram a tomar essa decisão?**
- **Por que você se tornou professor(a)?**
- Em algum momento, **você repensou essa decisão? Se sim, quais os motivos?**
- **Gostaria de acrescentar algo sobre o assunto?**

***Todos os dados pessoais fornecidos são confidenciais e serão ocultados no texto!**



Obrigada por sua participação!
 Kamilla **Gibram** – Licencianda em **pedagogia**
 Clara **Bastos** – **Orientadora**